

## A LITERATURA COMO PONTE PARA DISCUTIR RELAÇÕES RACIAIS: "MENINO DE ENGENHO" NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Igor Rashidi Scrafanni Gomes de Almeida <sup>1</sup>

Magnos Torres Moreira <sup>2</sup>

Edson Moisés de Araújo Silva <sup>3</sup>

Gianka Salustiano Bezerril de Bastos Gomes <sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa o potencial da literatura como ferramenta pedagógica para a problematização das relações raciais no ensino de Língua Portuguesa na 2ª série do Ensino Médio, tomando como objeto o romance *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego. Situado no contexto do Nordeste açucareiro pós-abolição, o estudo investiga de que modo a linguagem literária constrói, perpetua ou subverte representações sociais de raça, poder e hierarquia. A pesquisa fundamenta-se em aportes da historiografia, da teoria literária, da análise do discurso e dos estudos críticos sobre raça e racismo, articulando literatura, memória histórica e representações sociais. A proposta metodológica valoriza a literatura não apenas em sua dimensão estética, mas como recurso pedagógico capaz de suscitar reflexão crítica sobre desigualdades sociais, incentivando os estudantes a questionar ideologias e estruturas que sustentam exclusões. O trabalho também evidencia a relevância do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Língua Portuguesa como espaço formativo, no qual futuros professores podem experimentar metodologias inovadoras e críticas, articulando teoria e prática na abordagem de temas complexos. Como principais resultados, aponta-se que a leitura de *Menino de Engenho* em sala de aula favorece a formação de leitores críticos e conscientes, ampliando a compreensão das dinâmicas sociais e históricas do Brasil, fortalecendo a capacidade de análise e interpretação dos alunos e contribuindo para a desconstrução de preconceitos e estereótipos. Assim, demonstra-se que a literatura, ao integrar dimensões estéticas, sociais e históricas, assume papel decisivo no enfrentamento do racismo estrutural e no desenvolvimento de práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Educação, Relações Raciais, Racismo Estrutural, Análise do Discurso.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: professorigorscrafanni@yahoo.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: magnostorres1@gmail.com;

<sup>3</sup> Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN. Supervisor do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (UFRN/CAPES). E-mail: edson.1341448@educar.m.gov.br;

<sup>4</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela UFRN. Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (UFRN/CAPES). E-mail: gianka.bezerril@gmail.com.



## INTRODUÇÃO

A produção intelectual e as modalidades de escrita da História têm se transformado profundamente, explorando novos objetos e abordagens. Nesse contexto de renovação historiográfica, a história e a literatura emergem como campos férteis para o diálogo, especialmente no ambiente educacional. Este trabalho se propõe a explorar o uso da literatura como uma fonte privilegiada para o ensino de Língua Portuguesa, especificamente na 2ª série do Ensino Médio, utilizando o romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego. A literatura, nesse sentido, oferece acesso ao imaginário de uma época, permitindo visualizar traços e pistas que outras fontes talvez não revelem, contribuindo para que os estudantes construam seu próprio conhecimento histórico.

Como afirma Roger Chartier (1990), a leitura é sempre uma prática situada, socialmente construída, que transforma o texto em sentido. Essa perspectiva reforça a ideia de que o texto literário não é apenas uma obra estética, mas também um artefato cultural que carrega marcas de seu tempo e de seus leitores. Ao empregar uma perspectiva da História Cultural, que valoriza a pluralidade de visões e a relevância do "popular" e do "informal", é possível promover uma compreensão mais aprofundada das questões sociais e culturais do passado.

Segundo Peter Burke (2005), a história cultural busca compreender os modos pelos quais os seres humanos interpretam o mundo e constroem significados, o que torna a literatura uma fonte privilegiada para acessar essas interpretações. A pertinência dessa relação entre história e literatura se enquadra na perspectiva da história cultural, que, a partir da década de 1990 no Brasil, tem se desenvolvido significativamente como campo de pesquisa.

Essa aproximação entre passado e presente, central para a análise histórica e literária, também é ressaltada por Bloch (2001, p. 25), ao afirmar que o trabalho historiográfico deve ser conduzido por um movimento constante de ida e volta entre os tempos:

O presente bem referenciado e definido dá início ao processo fundamental do ofício de historiador: 'compreender o presente pelo passado' e, correlativamente, 'compreender o passado pelo presente'. A elaboração e a prática de 'um método prudentemente regressivo' são um dos legados essenciais de Marc Bloch, e essa herança tem sido até agora muito insuficientemente recolhida e explorada. A 'faculdade de apreensão do que é vivo..., qualidade suprema do historiador', não





se adquire e exerce senão 'por um contato perpétuo com o hoje'. A história do historiador começa a se fazer 'às avessas' (Bloch, 2001, p. 25).

A obra de José Lins do Rego, autor do segundo momento do Modernismo brasileiro, com seu forte caráter memorialista, retrata a infância do protagonista em um engenho paraibano, oferecendo um microcosmo do mundo rural nordestino. Embora seja uma ficção, o romance dialoga intensamente com a realidade da época, o que o torna um recurso valioso para o ensino, proporcionando um aprendizado mais concreto e significativo sobre as relações raciais e sociais do período pós-abolição.

Nesse sentido, como destaca Antônio Candido (2000), a literatura é uma forma de conhecimento que, por meio da imaginação, revela verdades humanas e sociais que escapam à objetividade dos discursos científicos. Ao adotar uma perspectiva da Análise do Discurso, que valoriza a pluralidade de visões, é possível promover uma compreensão mais aprofundada de como a linguagem literária constrói as representações sobre raça e poder.

A proposta também destaca a importância do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Língua Portuguesa como um espaço crucial para a formação de professores críticos e engajados. Nele, a relação entre a teoria e a prática pedagógica se intensifica, permitindo aos futuros docentes experimentar e aprimorar metodologias que tornam o ensino de literatura uma ferramenta para a problematização do racismo, da desigualdade e da exclusão social.

## **A LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS RELAÇÕES RACIAIS**

A literatura há muito tempo utiliza em seus textos ficcionais características e realidades de seu tempo, retratando o quadro histórico no qual o autor vivia. No contexto do ensino de Língua Portuguesa, o romance pode ser utilizado não apenas para o estudo de sua estrutura formal ou estética, mas como um campo de tensões e contradições, que revela detalhes da época e problematiza o cotidiano e as relações de poder.

No entanto, é preciso reconhecer que, como aponta Silva (2016),

Ensinar cultura em sala de aula, ou pelo menos fazer com que as/os estudantes reflitam sobre a diversidade cultural, não é algo comum nos currículos de línguas. Geralmente quando a cultura faz parte do componente curricular não é tratada de forma reflexiva e crítica, ou seja, não há o estudo, dentro da escola, sobre as



Segundo Eni Orlandi (2001), a Análise do Discurso permite compreender como os sentidos são produzidos historicamente, revelando as ideologias que atravessam os textos. A literatura, nesse sentido, torna-se um espaço privilegiado para observar como as relações raciais são discursivamente construídas e naturalizadas. Conforme Sandra Pesavento (2006), a "velha-nova história" da pesquisadora é enfática ao defender que a narrativa literária, ilustrada pela dimensão cultural, permite ao historiador captar detalhes de sua época. A literatura, nesse sentido, é uma expressão do imaginário social e uma ferramenta potente para compreender tanto o passado quanto os sentidos que ele assume no presente.

Stuart Hall (1997) também contribui para essa discussão ao afirmar que a representação é parte do processo pelo qual o significado é produzido e trocado entre os membros de uma cultura. Assim, os personagens negros em *Menino de Engenho* não são apenas figuras narrativas, mas representações que carregam significados sociais e históricos sobre raça, poder e exclusão. Conforme Borges (2010), ao utilizar a literatura enquanto fonte, o historiador deve observar como o autor do texto literário alia as regras de escritas, as restrições, os critérios e as convenções, o estético e o criativo à elaboração de suas reflexões sobre a realidade que o cerca e aquela que representa. O conteúdo e as questões abordadas no texto devem ser problematizados e relacionados à dimensão temporal, buscando perceber o texto como campo de tensões e contradições.

A obra *Menino de Engenho* é particularmente relevante para uma análise das relações raciais, pois expõe vividamente a miséria e a degradação em que viviam os trabalhadores e negros após a abolição da escravatura. O romance mostra que, embora os escravos já não existissem formalmente, a "senzala do Santa Rosa continuava pregada à casa-grande" e os alforriados frequentemente permaneciam sob a "guarda" dos coronéis, seja por uma falsa sensação de segurança, pela ausência de oportunidades ou por uma intrínseca dependência. O livro, assim, revela a persistência de relações de servidão e submissão.

Nesse sentido, como aponta Silviano Santiago (1978), a literatura brasileira tem o papel de revelar o não-dito da história oficial, funcionando como um espaço de resistência e denúncia das estruturas sociais excludentes, percepção essa que dialoga diretamente com a análise de Fanon (2008, p. 90), que, ao criticar a naturalização de um suposto "complexo de





inferioridade” no colonizado, afirma que a inferiorização não é originária, mas imposta pelo olhar e pela prática racista. Em suas palavras:

[...]A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado. Com essa conclusão, aproximamo-nos de Sartre: ‘O judeu é um homem que os outros homens consideram judeu: eis a verdade simples de onde se deve partir... É o antisemita que faz o judeu’ (Fanon, 2008, p. 90).

Assim, tanto a análise literária de José Lins do Rego quanto a reflexão teórica de Fanon convergem para a compreensão de que o racismo é um constructo histórico e discursivo, sustentado por práticas sociais e institucionais que naturalizam a desigualdade.

## **"MENINO DE ENGENHO" NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: RECORTES E POSSIBILIDADES PARA A 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO**

O livro *Menino de Engenho* apresenta-se como um recurso valioso para o ensino de Língua Portuguesa na 2ª série do Ensino Médio. A narrativa em primeira pessoa, através do personagem Carlinhos, oferece um microcosmo vívido do mundo rural nordestino, com seus costumes, crendices e superstições. A obra é especialmente útil para abordar temas como as relações sociais e o cenário pós-abolição. O romance ilustra a miséria e a degradação em que viviam os trabalhadores e negros, mesmo após a abolição da escravidão. A fala de Carlinhos sobre os meninos negros do engenho demonstra a percepção infantil daquelas relações, marcadas pela segregação social e, paradoxalmente, pela admiração pelas habilidades dos "outros". O trecho "Existe um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para 'o neto do coronel Zé Paulino" (p. 52) ilustra explicitamente o regime de exceção e a hierarquia social imposta, permeando até mesmo os atos mais cotidianos.

De acordo com Paulo Freire (1996), o ato de ensinar exige uma postura crítica e dialógica, em que o educador deve promover a leitura do mundo antes da leitura da palavra. Ao utilizar *Menino de Engenho* como ferramenta pedagógica, o professor pode estimular os alunos a refletirem sobre as estruturas sociais e os discursos que sustentam a desigualdade. A partir disso, o professor de Língua Portuguesa pode analisar como a linguagem do romance constrói as representações dos personagens negros. Compreender a narrativa de José Lins do Rego a partir dessa chave permite perceber como o romance organiza tensões entre casa-grande e senzala, entre infância e amadurecimento, entre privilégio e exclusão. Desse modo, o



enredo não apenas se estrutura esteticamente, mas também revela os conflitos sociais e raciais que

marcam a experiência brasileira no pós-abolição, tornando-se um material potente para a reflexão crítica em sala de aula.

A narrativa de Carlinhos, por exemplo, embora por vezes demonstre admiração pelas habilidades dos "moleques" negros, também revela a naturalização da desigualdade social e educacional. A citação "Só não sabia ler. Mas isto, para nós, também não parecia grande coisa" (p. 73), aparentemente singela, evidencia o quanto o analfabetismo era concebido como condição quase naturalizada dos trabalhadores pobres, em sua maioria negros e mestiços, apontando para uma desigualdade estrutural que atravessa a narrativa, percepção pode ser interpretada à luz do conceito de conflito, central para a análise de narrativas. Como explica Gancho (2006, p. 22):

Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. Além dos conflitos já mencionados, entre personagens, e entre o personagem e o ambiente, podemos encontrar nas narrativas os conflitos morais, religiosos, econômicos e psicológicos; este último seria o conflito interior de um personagem que vive uma crise emocional.

Como postulam Acordi, Lajoro e Zilberman (2007), a literatura no Ensino Médio deve ser abordada como instrumento de formação crítica e cidadã, e não apenas como objeto estético. A análise do discurso literário permite que os alunos compreendam como os textos constroem sentidos ideológicos e culturais, especialmente em relação às questões raciais. A análise do discurso permite que os alunos compreendam como a linguagem literária, mesmo em sua aparente inocência, reflete e reproduz a ideologia de uma época.

Além disso, Teresa Colomer (2007) nos lembra que o trabalho com narrativas literárias na escola deve favorecer a construção de leitores autônomos, capazes de interpretar os textos em sua complexidade simbólica e histórica. Essa autonomia é fundamental à prática docente, pois

O trabalho com textos na escola deve considerar, em primeiríssimo lugar, a diversidade. Diversidade de gêneros textuais e, nesses, a diversidade de ideologias







que, de resto, traduzem a diversidade do nosso próprio cotidiano; diversidade de suportes e usos sociais; diversidade de situações didáticas e de material didático. Em que pese o livro didático ser o material mais comum na escola, e por mais que tenha evoluído tanto em qualidade gráfica quanto em variedade de gêneros textuais e de temas, é essencial tornar o professor autônomo no uso de outros recursos. Isso, além de ampliar os horizontes de sua prática, contribuirá, inclusive, para que ele possa tirar

melhor proveito do livro didático, usando-o de maneira mais eficaz e crítica (BESERRA, 2007, p 46).

Nesse sentido, o uso de *Menino de Engenho* no ensino de Língua Portuguesa contribui para o desenvolvimento de competências interpretativas e reflexivas, fundamentais para a formação de sujeitos críticos.

## O PAPEL DO PIBID NO DESENVOLVIMENTO DESSA PRÁTICA

A metodologia aqui proposta, alinhada com as diretrizes do PIBID, busca desenvolver a prática docente a partir da relação entre teoria e prática. No âmbito do PIBID em Língua Portuguesa, a elaboração e aplicação de uma sequência didática com o romance *Menino de Engenho* é uma oportunidade para o bolsista desenvolver a leitura crítica. A prática de ensino, com a leitura de trechos selecionados da obra, permite que os futuros professores guiem os alunos na identificação de elementos que remetam à realidade histórica e social do período dos engenhos, como a autoridade do Coronel Zé Paulino e as condições de vida no engenho.

Segundo Tardif (2002), a formação docente deve articular os saberes da experiência, da prática e da formação acadêmica, permitindo que o professor construa uma identidade profissional crítica e reflexiva. O PIBID, nesse sentido, funciona como um laboratório pedagógico, onde os futuros docentes podem experimentar metodologias e desenvolver competências didáticas em diálogo com a realidade escolar. Além disso, o bolsista do PIBID tem a oportunidade de integrar teoria e prática, dialogando com outras fontes históricas, como textos acadêmicos sobre o patriarcalismo rural e documentos da época, para contextualizar o romance e demonstrar como diferentes fontes contribuem para a construção do conhecimento.

Essa prática ainda promove a reflexão sobre o ofício do professor. A discussão sobre "verdade", "ficção" e representação no romance, alinhada com as experiências do autor José Lins do Rego, estimula a reflexão sobre o papel do professor de Língua Portuguesa como mediador, que auxilia os alunos a dar sentido ao passado a partir da leitura e interpretação de diferentes narrativas.





Como defende Magda Soares (2003), o ensino da leitura deve ir além da decodificação, promovendo a construção de sentidos e a formação de leitores críticos. Essa ideia de ir além da mera decodificação é central para a autonomia do estudante, como ilustra a seguinte definição de leitura:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (Lajolo, 1982, p 59).

A literatura, nesse contexto, é uma ferramenta poderosa para desenvolver a consciência histórica e social dos estudantes. Questões provocativas como "O romance de José Lins do Rego é 'verdadeiro'? Em que sentido?" ou "Como o autor recria a realidade em sua obra, e o que isso nos diz sobre o passado?" podem guiar as discussões em sala de aula.

Por fim, a prática de ensino proposta no PIBID permite que os alunos produzam textos diversos, como ensaios ou resenhas, demonstrando sua compreensão das relações sociais e de poder retratadas no livro e comparadas com as fontes históricas.

Como afirma Isabel Solé (1998), o trabalho com textos literários deve estimular a autonomia interpretativa dos alunos, permitindo que eles desenvolvam estratégias de leitura que favoreçam a análise crítica e a construção de conhecimento. Assim, o PIBID se consolida como um espaço de formação docente que valoriza a literatura como instrumento de transformação social e pedagógica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de "Menino de Engenho" no ensino de Língua Portuguesa da 2ª série do Ensino Médio, sob a perspectiva da Análise do Discurso, oferece uma oportunidade valiosa para os alunos se conectarem com a história social do Brasil de forma crítica e engajadora. Ao reconhecer a literatura como uma fonte legítima e enriquecedora, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais complexa das sociedades passadas, perceber a multiplicidade de visões e aprofundar suas habilidades de análise e interpretação. A prática, fortalecida pelo contexto do PIBID, permite que os futuros professores desenvolvam metodologias inovadoras, que reconhecem a literatura como uma ferramenta para







problematizar as relações de poder e as desigualdades sociais. Ao final, espera-se que os alunos compreendam que o conhecimento histórico, assim como o literário, é uma narrativa, uma construção do conhecimento histórico escolar, e que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para acessar e compreender o passado de forma mais rica e multidimensional.

## REFERÊNCIAS

- ACORDI, Daiana da Rosa; LAJORO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 834, 2007. DOI: 10.1590/S0104-026X2007000300022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300022>. Acesso em: 28 set. 2025.
- ALBERTO, Marilsa Aparecida. **Didática e metodologia de ensino de Língua Portuguesa e Literatura**. Indaial: UNIASSELVI, 2021.
- BESERRA, N. S. Avaliação da compreensão leitora: em busca de relevância. In: MARCURSCHI, B.; SUASSUNA, L. (Orgs.). **Avaliação em Língua Portuguesa: contribuições para a prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São. Paulo: Global, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.
- LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola**. São Paulo, Globo, 1982.
- ORLANDI, E. **Discurso e Texto**, Campinas: Pontes, 2001.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**, Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, São Paulo – SP: Ed. Debates, 2006.

REGO, José Lins. **Menino de engenho**. Organização Maria Amélia Mello. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

SANTIAGO, Silviano (1978). **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

SILVA, P. de A. **Cultura e interculturalidade no ensino de línguas**: descobrindo caminhos possíveis. Diálogos das Letras, Pau dos Ferros, v. 05, n. 02, pp. 245-265, jul./dez. 2016.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul./ago. 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

